Ao desenhar o aluno se expressa, estimula sua criatividade, sua capacidade de entendimento do mundo que o cerca, sua construção de conhecimento, a partir de uma atividade que lhe instiga e ao mesmo tempo é lúdico e prazeroso.

Com isso, a necessidade de desmistificar o desenho nas aulas de artes ou na infância de um indivíduo como uma atividade meramente recreativa é mais do que necessário, já que sua importância é comprovada por diversos autores especialistas nesse assunto e durante todo esse artigo foi elencada de maneira recorrente.

Que esse artigo atue como um agente estimulador para futuras pesquisas acerca do assunto, para que cada vez mais o educador se aproprie do desenho, das artes como instrumentos que auxiliem a construção do conhecimento, na formação do indivíduo de forma plena e significativa, sempre de acordo com suas potencialidades e respeitando toda a sua diversidade.

REFERÊNCIAS

DERDYCK, E. Pensamento e Ação no Magistério. Formas de Pensar o Desenho. Desenvolvimento do Grafismo Infantil. Editora Scipione. 3 ed. 2003.

DUARTE JÚNIOR, F. J. Fundamentos Estéticos da Educação. 2a ed. Campinas – SP: Papirus, 2003.

FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti (Org.). Os fazeres na educação infantil. São Paulo: Cortez, 2000.

FUSARI, R. F. M. e FERRAZ, T. C. H. M. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2001.

LA TORRE, S. Dialogando com a criatividade. São Paulo: Madras, 2006.

MOREIRA, A. A. O espaço do desenho: a educação do educador. 13 ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009

SANS, C. T. P. A Criança e o Artista. Campinas: Papirus, 1994.

SILVA, H. N. D., RIBEIRO, C.C. J., MIETO, G. O aluno com deficiência intelectual na sala de aula: considerações da perspectiva histórico-cultural: Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar. Brasília: Editora UnB, 2010.

SIMÓ, H. C. O Estado das Teses Acadêmicas que abordam Arte e Inclusão. Um recorte de 1998 a 2008 no Brasil. Dissertação de Mestrado em Artes CEART/UDESC. Florianópolis/SC, 2010.

VIGOSTKY, S. L. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. 5 ed. São

Paulo: Ícone, 2001.

O DESEMPAREDAMENTO NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

MARGARETH APARECIDA DE ANDRADE SOUZA

INTRODUÇÃO

Diante de um período de pandêmia, tive oportunidades de aprender sobre este assunto que a primeiro momento me deixou em pânico: “ DESEMPAREDAMENTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL”.

Isso mesmo! Trabalho em Escola de Educação Infantil chamada Adevaldo de

Moraes, localizada na Rua Oreste Damolin, 791, Conjunto Promorar, Sapopemba, São Paulo, a dois anos, iniciando no dia 01 de fevereiro de 2020. E foi nesta unidade escolar que tive oportunidades, inquietações e muitas provocações sobre este rico assunto. Nossos estudos começaram aproximadamente no mês de junho do mesmo ano, pois havia muitas dúvidas e inseguranças quanto ao retorno das aulas presenciais, era tudo muito inseguro e misterioso. Ouvimos falar tanto dos cuidados e medidas preventivas e a importância de permanecer a maior parte do tempo em espaços abertos e bem ventilados. Perante todas estas inquietações a equipe gestora da escola inicou pesquisas em busca de materiais que iam dar um norte de como começar os nossos estudos, formações e preparações de todos os profissionais docentes e não docentes da unidade escolar.

Tivemos várias discussões sobre Escolas de Reggio Emilia localizada na Itália, textos sobre Desemparedamentos, As Cem linguagens da criança, estudamos sobre o pedagogo Loris Malaguzzi e suas metodologias entre outros materiais.

Os estudos eram realizados duas vezes por semana, com a participação de todos os profissionais da unidade, pois a grande maioria estavam trabalhando no remoto o que favorecia o acontecimento destas reuniões de formações.

Era nítido que no começo todos estavam bem preocupados e assustados com a inclusão destas novas metodologias, o brincar de forma livre, dirigida, experiências com elementos da natureza, o fazer artístico nos espaços do bosque, alimentação nas mesas localizadas no bosque, escutas e olhares atentos. Enfim eram tantos os desafios que no primeiro momento nos sentimos perdidos. Mas para nos acalmar tivemos apoio e acompanhamentos de toda equipe, desde a gestão e os demais colegas de trabalho que já estavam entendendo e assimilando melhor os assuntos.

Assim os meses foram passando e as aulas aconteciam de forma online, mas já procuravámos oferecer propostas que levassem as crianças a interagir com a natureza e aproveitar mais os espaços que tinham em casa, tudo com muito cuidado e atenção, pois sabemos das realidades vividas dentro da nossa comunidade escolar. A cada proposta enviada diariamente, nós tínhamos a alegria de receber muitas devolutivas das famílias. Era uma satisfação enorme ver o envolvimento e a alegria estampada nos rostos das nossas crianças. Isso só nos proporcionava um desejo enorme de poder estar com eles o mais rápido possível!

Agora é hora de descrever um pouco sobre nossas experiências vividas presencialmente com as crianças no mês de março de 2021. Farei breves relatos que são frutos dos estudos feitos no ano anterior.

No mês de fevereiro montamos um planejamento coletivo com propostas que envolviam os espaços do bosque, os elementos da natureza, objetos estruturados e brinquedos disponíveis na escola. O maior desafio era executar propostas que envolviam todos estes materiais. Mas com a colaboração e união de todos nós conseguimos, organizamos a semana da seguinte forma:

• Na segunda feira brincar e explorar os elementos da natureza e os espaços do bosque;

• Na terça feira brincar com elementos da natureza juntamente com utensílios de cozinha como: panelas, colheres, potes e outros.

• Na quarta feira proporcionar o brincar com brinquedos industrializados em meio aos espaços da natureza;

E assim nós íamos fazendo as observações e escutas atentas as brincadeiras, falas e movimentos das crianças.

Quero compartilhar com todos vocês um pequeno trecho de um registro feito no dia 01 de março, pois foi um dia muito rico em experiências e olhares atentos, desde então comecei a entender que o desemparedamento não é um bicho de sete cabeças:



Acima temos a Ana Julia, ela identificou esta flor como o Coronavírus, segundo o que ela me disse ela encontrou o vírus, as pontinhas da flor parecem realmente com o Vírus, mas nem todos concordaram, o Davi ficou nervoso dizendo que isso não é o coronavírus, sentei e conversei com eles, mostrando as semelhanças realmente entre o formato do vírus e da flor.



Ao andar pelo bosque, chegamos no espaço da arena, aqui eles exploram muitas coisas: a arena andando em volta, colhendo frutas (goiabas), brincando com a terra e até criando uma casa na árvore. Olha só o que o Gabriel falou:

- Professora isso aqui é uma gaiola quebrada e nós podemos fazer uma casa na árvore!

Eu fiquei maravilhada com a atitude dele e incentivei que fizesse sim! No mesmo instante ele convidou os amigos para construir a casa, eles começaram a montar utilizando as partes quebradas da gaiola. Apesar de muitas tentativas não conseguiram, mas o Gabriel encontrou uma marreta para contribuir na sua construção. Percebi que eles são muitos persistentes, não desistem fácil das coisas.

Aproveitaram as partes pequenas da gaiola para raspar terras e encontrar tesouros.

A cada semente encontrada no chão diziam:

Achei mais um tesouro!



A colheita de goiaba foi contagiante, pouco a pouco eles se esforçavam para pegar as goiabas e falavam que iam levar para casa para mostrar para a família.

Posso dizer que foi um dia muito cansativo, porém muito gostoso e proveitoso para as crianças e para mim também. Eu estava com muitas saudades de participar destas gostosas aventuras !